

## “LIBERDADE” E “AMOR”

- Uma breve análise do livro “A Predestinação Conforme a Bíblia”<sup>1</sup>,  
de João Falcão Sobrinho -

Gilson Santos

O Pr. João Falcão Sobrinho tem merecido, ao longo dos anos, o respeito dos batistas brasileiros. E com justiça. Líder já veterano, com longa experiência ministerial nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, ele tem exercido destacada influência em todo o Brasil Batista. Realizou importantes trabalhos denominacionais no âmbito da *Convenção Batista Brasileira*, tornando-se um de seus presidentes de honra; e, no âmbito internacional, organizou e foi o primeiro presidente da UBLA – *União Batista Latino-americana*. Por décadas, tem exercido a docência no *Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil*. Escreveu algumas obras – entre elas, algumas de bom valor na área da mordomia cristã –, e por muitos anos assina uma imaginativa e popular seção n’*O Jornal Batista* denominada “Parábolas Vivas”.

Nos últimos anos, porém, Falcão Sobrinho tem escrito algumas coisas acerca da doutrina da predestinação, e dedicado algum fôlego para combater “o calvinismo”.

No final da década de oitenta, alguns líderes batistas em Campos dos Goytacazes (RJ) começaram a defender um retorno às *doutrinas da graça*, na forma em que as expuseram os históricos batistas calvinistas. Inicialmente houve apenas uma reação localizada. Porém, no início dos anos noventa esta questão assumiu uma dimensão bem ampla no contexto da *Convenção Batista Fluminense*.<sup>2</sup> Em maio de 1992, a *Ordem dos Pastores Batistas do Estado do Rio de Janeiro* promoveu o seu retiro anual, em Rio Bonito (RJ), e o assunto “Doutrina da Eleição” constava das preleções. Falcão Sobrinho foi convidado para abordar este tema. A liderança da Ordem dos Pastores, em sua convocação para o retiro, apresentou o preletor como pessoa que possuía “bagagem suficiente para nos ajudar”. Entretanto, a despeito da enorme boa vontade do preletor, o conteúdo das preleções não satisfaz as expectativas de muitos dos pastores presentes, quer “calvinistas” ou não. Como resultado daquele evento, Falcão Sobrinho informa-nos que “começou a interessar-se pelo assunto”. O conteúdo daquelas preleções, somado a outras pesquisas, resultou num pequeno livro, “*A Predestinação Conforme a Bíblia*”, que foi publicado em 2001 pela *União Feminina Missionária Batista do Brasil*, órgão sob a égide da *Convenção Batista Brasileira*. A UFMBB apresenta este opúsculo como uma “análise profunda sobre a doutrina da predestinação”. Diz ainda: “Este pequeno GRANDE livro encerra preciosidades, que por certo esclarecerão muitas dúvidas sobre o assunto”. E Falcão Sobrinho é apresentado como “abalizado para escrever sobre o assunto”. Na

<sup>1</sup> FALCÃO SOBRINHO, João. *A Predestinação conforme a Bíblia*. Rio de Janeiro: UFMBB – União Feminina Missionária Batista do Brasil, 2002. 32p.

<sup>2</sup> Em julho de 1991, no contexto das comemorações do Centenário dos Batistas Fluminenses, a assembléia da *Convenção Batista Fluminense* sofreu alguns debates acalorados por conta de posições calvinistas de alguns professores no *Seminário de Campos* (RJ). A questão tomou proporções, e teve alguns desdobramentos lamentáveis, que envolveram os diversos lados da controvérsia. Para uma breve consideração deste episódio, cf. AZEVEDO, Israel Belo de. *A Celebração do Indivíduo; A Formação do Pensamento Batista Brasileiro*. São Paulo: Vida Nova, 2004, pp. 240-241; e acerca dos problemas envolvendo o *Seminário*, cf. posição de seu fundador, e, à época, presidente da *Convenção Batista Fluminense*: FERREIRA, Ebenézer Soares. *História do Seminário Teológico Batista Fluminense; 35 anos*. Rio de Janeiro, 1998, pp. 51-67.

contra-capá, a UFMBB informa ser desejo do autor “incluir, em futuras edições, um pouco mais de informações sobre a doutrina da eleição nas confissões de fé batistas”. Até onde sabemos, este muito salutar desejo ainda não foi concretizado.

Surpreendentemente, esta pequena obra, em si mesma, resultou problemática e com implicações gravíssimas. Numa afoita e prejudgada rejeição à fé reformada, o autor endossa claramente uma teologia heterodoxa, flerta com teólogos liberais e neo-ortodoxos, incorre em inoportunas simplificações e generalizações, desenha caricaturas e rotulações, oferecendo lastimáveis exemplos de equívocos exegéticos e históricos. Partindo de um autor de largo currículo e grande respeitabilidade no meio batista brasileiro, isto se revela profundamente lamentável. O nobre ancião batista poderia ter se furtado a este serviço. Afirmamos isto com tristeza.

O Pr. Franklin Ferreira já tem escrito uma excelente resenha da obra em questão, suficiente para oferecer ao leitor uma percepção mais abrangente de todo o ensaio de Falcão Sobrinho. Recomendamos de muito bom grado sua resenha.<sup>3</sup> Aqui nos dedicamos a apenas dois aspectos na obra: o binômio “liberdade” do homem e “amor” de Deus. De fato, o epicentro de todos os problemas no ensaio de Falcão Sobrinho pode ser encontrado justamente na compreensão que o autor tem de Deus e do Homem. Sua antropologia é bastante naturalista, e até mesmo já se tem dito que ela é aparentada com o pelagianismo.<sup>4</sup> Para o autor, o “livre-arbítrio” do homem tem a palavra final na salvação: “eu aceitei”; “eu me submeti”; “eu pude nascer de novo”; “eu escolhi ser um predestinado”. EU! No que diz respeito à salvação, o conceito do autor poderia ser parafraseado com o seguinte jargão: “aqui em casa a última palavra é sempre a minha!”

### **LIBERDADE: “COMO UMA CALÇA VELHA, AZUL E DESBOTADA”**

Em sua obra, as palavras mais doces ao paladar de Falcão Sobrinho são “liberdade” e “amor”. Nesta ordem. E para assentar o seu conceito de “liberdade” como uma verdade cardeal, o autor passa a enunciar aquilo que poderíamos denominar de seus “axiomas da liberdade”.

A preocupação inicial do autor está em estabelecer a base moral para as atitudes do homem. Assim, ele argumenta que a base da ética fundamenta-se em que o homem seja “moralmente livre”. E, uma vez que a segunda palavra mais doce ao seu paladar é “amor”, ele salienta que “só um ser livre é capaz de amar”. “Fora da liberdade, não pode haver amor”, é o seu primeiro axioma.

Seguindo esta lógica, o autor estabelece que a liberdade resulta do fato de ter sido o homem “criado à imagem e semelhança de Deus”. E a dignidade do ser humano repousa condicionalmente sobre esta liberdade: “Sem liberdade, onde fica a dignidade de cada ser humano?” Só há dignidade onde houver liberdade, este é seu axioma seguinte.

Deus é soberano para criar seres livres e continua soberano ao respeitar a liberdade dos seres por ele criados. A “imagem e semelhança” que nos liga a Deus é moral e espiritual. Assim como Deus é livre e soberano na infinitude absoluta do seu ser eterno, o homem é livre na sua finitude temporal (p. 30).

Não apenas a dignidade, mas também a responsabilidade repousa sobre a liberdade. Indaga o autor: “Se o homem não é um ser responsável, portanto dotado de livre-arbítrio, em que consiste sua ‘imagem e semelhança’ com Deus?”

Intercambiando os conceitos de “liberdade moral” e “livre-arbítrio”, o autor, então, introduz um novo axioma: “A fé é um exercício de liberdade, ou não é fé”. “Todos os homens são livres

<sup>3</sup> Cf. FERREIRA, Franklin. *Resenha*. In: Fides Reformata. São Paulo: Editora MacKenzie, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper – CPAJ, Volume X, Número 2, 2005, pp. 12-130.

<sup>4</sup> Cf. o documento *Et Illuminatio Fides*: considerações acerca da *Declaração Oficial sobre a Primeira Igreja Batista em Volta Redonda*, prestada pela diretoria da Convenção Batista Fluminense. Este é o parecer formal da Comunhão Reformada Batista no Brasil, enviado a quatro de seus membros, os quais solicitaram um parecer da mesma acerca deste assunto. Online: [http://www.crbb.org.br/Illuminatio\\_Fides.pdf](http://www.crbb.org.br/Illuminatio_Fides.pdf) [capturado em agosto/2005]. Neste documento a antropologia de Falcão Sobrinho foi considerada.

para aceitar ou rejeitar crer em Jesus. Deus respeita a liberdade de discernimento e escolha que Ele mesmo deu ao homem". "Cada ser humano é dotado de liberdade para crer ou não em Cristo". "O homem é livre no tempo, para aceitar ou recusar o dom gracioso de Deus". "Amor e fé existem onde há livre escolha". "O livre-arbítrio consiste no direito de aceitar ou não o favor divino, tocar ou não, pela fé, o cetro cruciforme, chegar-se ou não ao trono da graça, abrir ou não a porta do coração para Cristo" (p. 23).

Seu quarto axioma é que também só há adoração se houver liberdade:

Lúcifer foi criado livre para poder adorar a Deus no céu e o homem foi criado livre para poder servir a Deus na terra, pois assim como o amor e a fé, a adoração é um serviço que só pode ser prestado por pessoas livres, conscientemente livres, responsáveis e comprometidas com Deus. Lúcifer usou mal a sua liberdade e se rebelou contra Deus antes da criação. O homem usou mal a sua liberdade, deu ouvidos ao tentador e se rebelou contra Deus depois da criação. Deus lhe deu liberdade de escolher comer ou não da árvore do conhecimento do bem e do mal. O livre-arbítrio do homem implica a possibilidade de desobedecer a Deus em seu próprio dano... (p. 15).

O autor, assim, estabelece que Deus criou o homem livre, e que tal liberdade reflete a "imagem e semelhança de Deus" no homem. E tal liberdade o homem não perdeu com a queda, pois, seguindo a linha de raciocínio do autor, se o homem a tivesse perdido ele não mais seria um ser digno, responsável, e, sobretudo, capaz de crer, amar e adorar.

Em outro lugar o autor argumenta que "Deus predestina os homens para serem conformes a imagem do seu filho". À luz de suas argumentações anteriores, alguém poderia inferir uma assunção do autor de que a imagem de Deus é diferente da imagem de seu Filho. Entretanto, nos seus devidos contextos, os argumentos do autor parecem não favorecer esta conclusão. Convém salientar, entretanto, que o autor também menciona que "para a liberdade Cristo nos libertou". E ainda em outro lugar, ele salienta: "O pai da Eternidade (Pai Eterno), assume a categoria do humano sem perder a categoria do divino para resgatar no homem a semelhança da natureza do próprio Deus e, portanto, a sua liberdade" (p. 21). Surge, então, a seguinte pergunta: para qual liberdade o Filho nos liberta? Um dos axiomas do autor não estabelece que o homem já possui tal liberdade? Este não fora um dos seus argumentos básicos? Segundo o autor, o homem, para ser responsável e digno, e para exercer fé, amor e adoração não precisaria dispor desta liberdade? Qual seria esta "semelhança da natureza do próprio Deus" que o Filho, encarnado, veio "resgatar"?

É preciso ainda enfatizar que, para Falcão Sobrinho, a liberdade do homem é reflexo da imagem e semelhança de Deus. Este, sem dúvida, é um fato com o qual todos poderíamos perfeitamente concordar. Onde está, todavia, a dificuldade? A dificuldade reside em que, para o autor, esta liberdade pressupõe necessariamente *a possibilidade para o bem e para o mal*: "a possibilidade de o homem pecar foi dada como prova da sua liberdade". "O livre-arbítrio do homem implica a possibilidade de desobedecer a Deus em seu próprio dano"; "o livre-arbítrio consiste no direito de aceitar ou não o favor divino", diz o autor. A questão óbvia, olvidada pelo autor, é a seguinte: Deus tem esta liberdade para pecar? Há tal "equilibrium" em Deus, que o coloque em iguais possibilidades para o bem e para o mal, tais como aquelas que o autor diz haver no homem? Deus tem esta liberdade que o autor superexalta? O teólogo Louis Berkhof (1873-1957) tem algo interessante a dizer a este respeito:

Deus tem suas razões para querer como quer, razões que O induzem a escolher um fim e não outro, e uma série de meios para realizar um fim, em preferência a outros meios. Em cada caso há um motivo predominante, que torna o fim escolhido e os meios selecionados sumamente agradáveis a Ele, embora não sejamos capazes de determinar que motivo é esse. Em geral se pode dizer que Deus não pode querer nada que seja contrário à Sua natureza, à Sua sabedoria ou amor, à Sua justiça ou santidade.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz para o Caminho Publicações, 1990, p. 81.

Indague-se ainda: os crentes aqui neste mundo, que foram “libertos para a liberdade”, têm a possibilidade de não mais desejarem crer? Têm a possibilidade de não mais crer, amar e adorar? E, se a resposta for negativa, não significaria (na linha de raciocínio do autor) que deixaram de ser livres, responsáveis e dignos? Como harmonizar isto com a declaração do autor de que “o homem é livre para aceitar ou rejeitar a salvação, mas não é livre para alterar as conseqüências da sua escolha”? (p.28). Temos visto que a tal “liberdade” que o autor estima, exalta e defende, como o supremo tesouro, pressupõe a liberdade para pecar ou não pecar. Indagamos ainda: os crentes redimidos, que estão no gozo eterno, com sua vontade aperfeiçoada, têm esta possibilidade para o mal? Eles podem pecar? Podem *desejar* o mal? *Podem querer* não mais crer? A possibilidade de *querer* o mal é um bem em si mesma? A verdadeira liberdade não seria aquela em que não haja mais o desejo de pecar, e na qual, o homem, consciente, digno e responsável, teria transcendido esta possibilidade? O que é melhor: ser livre para pecar e não pecar, ou ser livre para *não mais* pecar? Em que consiste a verdadeira liberdade de Deus? E em que consistiria a verdadeira liberdade dos homens, enfim, de todas as criaturas morais?

### **DEUS: “AMOR ESSENCIAL, IRA CIRCUNSTANCIAL”**

O livro é apresentado pela Diretora Editorial da UFMBB como trazendo “uma verdade clara para aqueles que entendem a grandeza da graça de Deus – amor incondicional para com todos”. E, então, o autor é apresentado como alguém “com profundo amor às verdades bíblicas”. Assim, logo de início, o leitor percebe que “amor” será uma nota bastante freqüente. O próprio autor, inicialmente, estabelece um princípio positivo: “Amor e respeito pelos irmãos, mesmo não aceitando seus pontos de vista, para não radicalizarmos atitudes emocionais, que fatalmente nos afastarão da verdade revelada” (p.8).

Dito isto, Falcão Sobrinho passa imediatamente a condenar o que entende ser um desamor: a doutrina calvinista da predestinação. Concorde de início com o entendimento bíblico de que “todos os homens mereciam a justa punição por seus pecados”. Todavia, no que concerne ao amor de Deus, o autor entende que Ele eleger alguns, manifestando a estes a sua benevolência, e sobre os réprobos cumprir sua justiça, é uma posição insustentável. O autor conclui que isto significa que Deus estaria destinando “a maioria dos seres humanos, ‘por razões incompreensíveis` ou secretas, à miséria eterna”. E este ensino “não condiz com o caráter santo e amoroso do Deus que a Bíblia nos retrata”. E, no entendimento do autor, destrói a base da responsabilidade moral do homem.

(...) afirmam que Deus é soberano e que as suas razões estão acima da compreensão humana. É vedado ao homem saber as razões da eleição ou da rejeição divina, cabendo-lhe apenas resignar-se ao seu destino. Essa compreensão reduz o homem à condição de um ser sem vontade própria, sem responsabilidade moral, incapaz de decidir na esfera do espírito imortal, incapaz de manter com Deus uma comunhão de amor como um ser criado à imagem e semelhança do próprio Deus (p. 10).

O homem precisa – diz o autor – “dar o seu amor como resposta ao amor de Deus, uma vez que o amor pressupõe liberdade (só um ser livre é capaz de amar)”. E então aproxima-se do universalismo do sacerdote católico-romano francês Michel Quoist (1921-1997), citando-o:

Pelo amor e para o amor o homem é feito. O amor é sua vocação. Não somente o amor humano, mas, a partir deste, neste transfigurado pela **presença** de Jesus Cristo, um amor divinizado. O adjetivo final é: em Jesus Cristo, com todos os outros homens e no universo renovado, amar ao ritmo da Trindade. Eis o céu. Oriundo do amor, o homem deve voltar a Deus no amor com toda a humanidade e com todo o universo. Este é o seu destino, fora do qual não se pode realizar nem realizar o mundo. Uma vez que o homem foi feito por amor, o amor só o pode querer livre, pois, fora da liberdade, não pode haver amor. Amar alguém é querê-lo livre e, se for necessário, bater-se para libertá-lo ao preço da própria vida (pp. 10-11).

“O amor é a essência do caráter de Deus”, diz Falcão Sobrinho. “Deus não poderia ter amado menos do que amou, porque o seu amor, como todas as suas virtudes, é absoluto (...) A essência de Deus, o amor, é demonstrado no Calvário de forma real e não apenas simbólica ou tipológica, a fim de constranger graciosamente a todos os homens para que todos creiam no Filho de Deus”.

Com respeito à ira de Deus, diz o autor que esta se dirige contra o pecado, que o separa do objeto do seu amor, nunca contra o pecador (p. 12, grifo nosso). “Deus ama a todos os pecadores e deseja que todos se arrependam e creiam no seu filho e assim sejam recuperados para o seu amor”. “A ira não é um componente do caráter de Deus, mas é circunstancial, em face do dano que o pecado causa ao ser humano” (p. 17). “O Deus que se revela em Cristo não é um deus vingativo, zangado, como os deuses dos pagãos”. E, então, o autor subscreve uma citação que atribuiu ao teólogo suíço neo-ortodoxo Emil Brunner (1889-1966): “A ira não é a realidade essencial de Deus. Deus é amor em si mesmo” (p. 23, grifo nosso).<sup>6</sup> Diga-se de passagem, que recentes teólogos tais como Karl Barth, Emil Brunner, Paul Tillich, e outros, quando não negam definitivamente a doutrina do inferno, ou a rebaixam ou a depreciam.<sup>7</sup>

Dando sua exegese para Romanos 9.22 e 23, escreve o autor:

Ao rejeitarem crer, em seu coração, em Jesus Cristo ressuscitado por Deus dentre os mortos e confessá-lo com sua boca como Senhor, os ímpios estão se fazendo a si mesmos vasos para a ira (ira contra o pecado da rejeição), assim como ao abrirem o seu coração para crerem em Jesus, tanto gentios quanto judeus estão se colocando na condição de “vasos de misericórdia” (p. 17).

E ao considerar a doutrina da propiciação:

O sacrifício do Calvário não foi um holocausto para aplacar a ira de um deus zangado. A idéia de holocausto para aplacar a ira dos deuses é a base dos pagãos aterrorizados pelos poderes numinosos. A propiciação contida no evento do Calvário foi a manifestação da Graça de Deus, que recebe, por meio de Cristo, a todo o pecador que atenda ao seu amoroso convite e a ele se achegue por fé. Na cruz, nem estava o Filho contornando a justa ira do Pai, nem o Pai zangado, pronto a castigar no Filho a nossa depravação total, mas Pai e Filho juntos, unidos no ato de nossa plena reconciliação (pp. 22-23 – grifos nossos).<sup>8</sup>

Para o autor, a palavra propiciação (gr. *hilasterium*) “não traduz um ato de ira punitiva de Deus”. Entender que Deus requereu “um holocausto de sangue para aplacar a sua indignação” seria, no entendimento do autor, “atribuir a Deus a natureza de Moloque, o deus cananita que exigia sacrifício de infantes para amainar o seu furor”.

Os conceitos de apaziguar ou subornar a Deus com holocaustos parecem mais pagãos do que cristãos (...) atribui a Deus uma ira fatal contra os réprobos,

<sup>6</sup> Franklin Ferreira comenta sobre esse tipo de citação atomizada, feita por Falcão Sobrinho, que não remete para o contexto e para as fontes. Cf. FERREIRA, *op. cit.*

<sup>7</sup> Se alguém lê os mais conhecidos teólogos dos anos recentes descobrirá que o pensamento teológico (liberal ou neo-ortodoxo) de quase todos eles eventualmente conduz a uma bifurcação: ou na direção do *aniquilacionismo* (não há existência após a morte, e isto especialmente no caso dos réprobos) ou do *universalismo* (todos serão salvos no fim). “Há um Deus, mas ele é um Deus de Amor”. Para uma consideração específica das opiniões de Emil Brunner a este respeito, compulsar *Eternal Hope*. Tradutor Harold Knight. Filadélfia: Westminster Press, 1954, e *The Christian Doctrine of the Church, Faith, and the Consummation*. Tradutor Olive Wyon. Filadélfia: Westminster Press, 1962. Consulte também *online*:

[http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/last\\_events\\_florovsky\\_p.htm](http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/last_events_florovsky_p.htm) confrontando com o original em inglês em [http://www.fatheralexander.org/booklets/english/last\\_events\\_florovsky\\_e.htm](http://www.fatheralexander.org/booklets/english/last_events_florovsky_e.htm) [capturados em agosto/2005].

<sup>8</sup> O adjetivo “*numinoso*”, citado por Falcão Sobrinho em seu ensaio, vem do latim *numine*, divindade, e foi cunhado pelo teólogo alemão Rudolf Otto (1869-1937) para expressar o sentimento de estarmos em um lugar santo. A filosofia da religião de Otto definiu essa palavra em termos de “mistério”, “fascínio” e “tremor”. Ela descreve aqueles momentos incomuns, mas muito reais, em que a alma é cativada por um “Algo inefável”, e que está além das nossas faculdades racionais – conceito em bastante afinidade com o *salto kantiano*. Otto alega que essa experiência é o verdadeiro centro de todas as religiões. No dicionário Aurélio este vocábulo é definido como “o estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade”. Cf. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª Edição. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

interpretando a propiciação como o holocausto necessário para que Deus se torne favorável aos eleitos. Não é essa a compreensão de *hilasterium* (p. 23).

Em relação à justiça de Deus, o autor diz que “Deus não põe sua justiça de lado ao usar de misericórdia nem põe de lado a sua misericórdia ao exercer juízo (...) Deus estende sobre justos e injustos a sua misericórdia equânime”. Ao considerar a doutrina da “expição”, diz o autor, que esta “oferta de amor de Deus, é para todos os que queiram crer”. E, no contexto de uma citação do teólogo batista norte-americano Walter T. Conner (1877-1952), estabelece contraditoriamente:

Deus, o ofendido pelos nossos pecados, por nos amar, cumpre a justa e merecida pena da ofensa em nosso lugar, na pessoa de Jesus Cristo. W. T. Conner diz que, “em face da queda do homem, Deus podia fazer três coisas: a) salvar todos; b) não salvar ninguém; c) salvar uns e condenar outros. Em qualquer dessas hipóteses, a justiça e a perfeição moral de Deus permaneceriam inquestionáveis”. Deus, porém, foi além. Ele se envolveu no processo da salvação movido pelo amor (p. 21, grifos nossos).

Tendo estabelecido isto, ao tratar da “justificação” o autor pergunta: “Seria justo um juiz que induzisse deliberadamente uma pessoa a cometer um crime, e depois a condenasse por esse mesmo crime?” E conclui num sofisma lamentável: “Dois réus são acusados do mesmo crime. O juiz lavra duas sentenças: a um absolve e ao outro condena. Esse é o conceito da justiça de Deus embutida na predestinação calvinista” (pp. 24-25) .

Curiosamente, à semelhança do teólogo alemão Albrecht Ritschl (1822-1889), Falcão Sobrinho propõe que partamos da idéia de que Deus é amor, pedindo que indaguemos “o que é que está envolvido nesta idéia sumamente característica de Deus”. O ponto de partida de Ritschl foi a experiência humana, e não a Palavra de Deus. Inclusive, ele via a morte de Cristo não como uma propiciação pelos pecados, mas como o resultado da lealdade à Sua vocação para levar os homens à plena comunhão com Deus pelo compartilhar da Sua própria consciência de filiação. Ritschl negava, também, os conceitos tradicionais do pecado original, da encarnação, da revelação, da ressurreição, da igreja e do reino de Deus, e criou um abismo intransponível entre o Jesus da história e o Jesus da fé. É comum aqueles que, em algum grau, se alinham nesta tradição e neste método, arrastarem Deus para baixo, ao nível do homem, e salientarem a Sua imanência em detrimento da Sua transcendência, e fazerem dEle um ser em continuidade com o mundo. E, como resultado final, temos um Deus feito à imagem do homem.

### **EM DEUS NÃO HÁ PERFEIÇÃO QUE SEJA MENOS PERFEITA DO QUE OUTRA**

Certamente, é muito mais simpático e agradável falar do amor e do perdão de Deus do que contemplar Seu ódio ardente contra o pecado. Entretanto, ao falar sobre Deus, não se pode ignorar a ira em favor do amor. Uma das heresias mais antigas da igreja é a crença de que o Deus cristão só é um Deus de amor, que não pode sentir ou externar emoções “inferiores”, tais como ciúme e ira. No segundo século, Marcião (m. c. de 160) criou uma grande confusão na igreja, afirmando com veemência que todo o Antigo Testamento devia ser rejeitado como algo não-cristão, porque proclamava um Deus irado. Ele dizia que esse Deus devia ser diferente do Deus revelado no Novo Testamento, onde lemos apenas a respeito do Seu amor. Marcião negou-se a ver que a ira e o amor de Deus são encontros nos dois testamentos. A ira de Deus é ensinada no Novo Testamento, tanto por Cristo como por Paulo, e manifestada na própria cruz.<sup>9</sup> No século XX, o teólogo britânico C. H. Dodd (1884-1973), diz que “o conceito de ira não aparece nos ensinamentos de Jesus”. Dodd limitou o significado da ira de Deus no Novo Testamento unicamente às conseqüências que seguem as ações pecaminosas: “a ira de Deus não descreve a atitude de Deus para com o homem, mas descreve o processo inevitável de

<sup>9</sup> Cf. TASKER, R. V. G. “A Ira de Deus”. In: SHEDD, Russell P. & PIERATT, Alan (eds.) *Imortalidade*. São Paulo: Vida Nova, 1992, pp. 63-100. Publicado originalmente por The Tyndale Press, 1960, em *The Biblical Doctrine of the Wrath of God*. Tradução para o português de Adiel Almeida de Oliveira.

causa e efeito no universo moral”.<sup>10</sup> Entretanto, a verdade que se depreende da Palavra de Deus é que a ira de Deus é tanto um *effectus* quanto um *affectus*, uma qualidade da natureza de Deus, uma atitude da mente de Deus diante do mal.<sup>11</sup>

Um estudo na concordância mostrará que há mais referências nas Escrituras à indignação, à cólera e à ira de Deus, do que ao Seu amor e ternura. A ação divina frente ao pecado não pode ser outra senão de ira, a ira justa e santa de um Deus perfeito. Porque Deus é santo, Ele odeia todo pecado; e porque Ele odeia todo pecado, a Sua ira inflama-se *contra o pecador*. E o pecado não diz respeito apenas ao que o homem faz, mas eminentemente ao que o homem é. O pecado não é uma entidade ou substância autônoma, mas algo arraigado, total e fundamentalmente, à natureza do homem. É necessário dizer, porém, e com melhor precisão, que Deus não se ira contra o homem por este ser Homem. De fato, Deus criou o homem originalmente bom, à sua imagem, e conforme a sua semelhança. A ira de Deus se dirige contra o homem, e sobre ele permanece, por ser o homem *pecador*. A ira de Deus é o desprazer e a indignação da divina equidade contra o mal. É a santidade de Deus posta em ação contra o pecado. Do céu se manifestou a ira de Deus quando o Filho de Deus veio a este mundo revelar o caráter divino, e quando essa ira foi demonstrada nos Seus sofrimentos e morte, de maneira mais terrível do que todas as provas que Deus antes dera da Sua aversão pelo pecado. E, quando alguém diz que a ira de Deus “*nunca se dirige contra o pecador*”, significa dizer que a ira de Deus, destinada ao pecador, nunca poderia recair sobre Cristo. É isto que Falcão Sobrinho está dizendo, e com todas as suas óbvias implicações.

A ira de Deus é uma perfeição divina tanto como a Sua fidelidade, o Seu poder ou a Sua misericórdia. Só pode ser assim, pois não há mácula alguma, nem o mais ligeiro defeito no caráter de Deus. Haveria, porém, se nEle não houvesse “ira”. Não somente não há imperfeição nenhuma em Deus, mas também não há nEle perfeição que seja menos perfeita do que outra. A afirmação de Falcão Sobrinho de que “a ira *não é um componente do caráter de Deus*”, requereria melhores esclarecimentos, pois pode induzir a grandes erros, transportando o leitor para terrenos *neoteístas*. Ainda mais quando se estabelece o contraste entre “amor essencial” e “ira circunstancial”. Além disto, a mesma reticência do autor para o despertar da ira divina – “o dano causado pelo pecado” – também se aplica, inversamente, ao despertar da graça e misericórdia divina. “Onde abundou o pecado, superabundou a graça”. Dizer que a ira de Deus é “*circunstancial*” e que “*não é um componente do caráter de Deus*”, pode transmitir a idéia de que preferiríamos que em Deus não houvesse tal coisa. E tal forma de pensar pode sugerir a idéia de um Deus sofrendo mudança em relação a Si mesmo, de alguma forma qualquer.

Deus proveu “para si o cordeiro para o holocausto” (Gn 22.7-8). Graças a Deus, por seu Cordeiro, “que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). No sacrifício de Cristo não há contradição entre a ira e o amor de Deus, nem entre a sua graça e a sua justiça. “*Todavía, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si*” (Is 53.10-12).

Uma visão otimista do homem, associada a uma pálida impressão acerca do pecado, sempre redundará num comprometimento das noções de justiça e graça de Deus. Graça não é mera “graciosidade”. O Reino da Graça, como definiu Abraham Booth (1734-1806) no seu clássico livro, “é o livre, absoluto e eterno favor de Deus, manifesto na concessão de bênçãos espirituais e eternas a culpados e indignos”.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> DODD, C. H. *The Epistle to the Romans*, p. 23, *apud* TASKER, *op. cit.*, p. 69. Para uma consideração desta posição, cf. MORRIS, Leon. *The Apostolic Preaching of the Cross*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmann, 1976, pp. 144-213. Nestes dois capítulos a doutrina da propiciação é discutida em detalhes; no primeiro, há uma análise exaustiva da posição de Dodd; no segundo, uma análise da doutrina da ira de Deus na Bíblia.

<sup>11</sup> Cf. SANTOS, Gilson. *O “Outro” Deus*. Online: [http://www.gilsonsantos.com.br/pdfs/o\\_outro\\_deus.pdf](http://www.gilsonsantos.com.br/pdfs/o_outro_deus.pdf)

<sup>12</sup> BOOTH, Abraham. *The Reign of Grace*. London: Evangelical Press, 254 p. Cf. versão online: <http://www.reformedreader.org/rbb/booth/reignofgracepreface.htm> [capturado e agosto/2005].

A graça divina é o soberano e salvador favor de Deus exercido na dádiva de bênçãos a pessoas que não têm *em* si mérito nenhum, e pelas quais não se exige *delas* nenhuma compensação. Não apenas isso, é ainda mais: é o favor de Deus demonstrado a pessoas que, não só não possuem merecimentos próprios, mas são totalmente merecedoras do inferno. É completamente imerecida, não é procurada de modo nenhum e não é atraída por nada que haja nos objetos aos quais é dada, por nada que deles provenha, e tampouco pelos próprios objetos. A graça não pode ser comprada, nem obtida, nem conquistada pela criatura. Se pudesse, deixaria de ser graça. Quando dizemos que uma coisa é “de graça”, queremos dizer que seu recebedor não tem direitos sobre ela, que de maneira nenhuma ela lhe era devida. Chega-se como pura caridade e, a princípio, não solicitada nem desejada.<sup>13</sup>

Ou afirmamos isto, ou simplesmente negamos a graça. E nesta situação, o discurso que procede de nossos lábios tem a ver com “direito”, “dever”, “obrigação” e “justiça”. Infelizmente, é esta a direção que toma Falcão Sobrinho em sua obra. O argumento de Falcão Sobrinho faria Deus injusto por não haver Ele demonstrado misericórdia para com os anjos que caíram? Estes também são seres morais.

Não sou eu o centro das coisas mas Deus, e eu, como criatura e filho, existo para Ele em lugar dEle para mim. Aí está a causa radical de nossa dificuldade. Fazemos de nós o centro do nosso universo. Nós nos fazemos os seres ao redor dos quais tudo mais gira. Edward Donnelly escreve a respeito desta centralidade do homem, dizendo que “em nossos dias veio a dominar a cultura a ponto de saturar o mundo em que vivemos. A centralidade do homem é tão penetrante e tão imperceptível como o ar que respiramos. Não há ninguém que não seja afetado por ela. Como a poluição da atmosfera, aí está ela, e nós a absorvemos, e ela nos está envenenando”.<sup>14</sup>

Não há nada no evangelho que se preste para gratificar o orgulho do homem, entretanto. Ele anuncia que, se não formos salvos pela graça, não seremos salvos de modo nenhum. O evangelho trata os homens como ímpios, condenados e mortos. O evangelho considera a todo descendente de Adão como pecador decaído, corrupto e merecedor do inferno. O espírito de nossa época procura abrandar isto, mas não sem comprometer a verdade bíblica. A Bíblia assevera que todos permanecem diante de Deus como réus sentenciados, transgressores da Sua santa lei, como criminosos culpados e condenados, *não à espera de alguma sentença*, como sugere o autor, mas esperando a *execução* da sentença já passada sobre eles.

Deus nunca deixa de ser misericordioso, pois isto constitui uma qualidade da essência divina; mas o *exercício* da Sua misericórdia é regulado por Sua vontade soberana. Tem que ser assim, pois não há fora dEle coisa nenhuma que O obrigue a agir; se houvesse, essa “coisa” seria *suprema* e Deus deixaria de ser Deus. E no raciocínio de Falcão Sobrinho esta coisa suprema é aquilo que ele conceitua como “amor”. O “amor” é Deus! Eis, na realidade, o maior axioma do autor.

No estereótipo pintado pelo autor, segundo o calvinismo “é vedado ao homem saber as razões da eleição ou da rejeição divina, cabendo-lhe apenas resignar-se ao seu destino”. Entretanto, o Senhor, na Escritura, tem alguma coisa a dizer sobre isto: “...em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado” (Ef 1.4-6). E ainda mais: “...predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as cousas conforme o conselho da sua vontade, a fim de sermos para louvor da sua glória” (vv. 11 e 12).

Dito isto, relembramos, não obstante, que devemos ser tomados de solenidade diante de todos os atributos de Deus. Existe um falso ensino que se chama *sandemanianismo*, que significa, em rigor, ter conhecimento das doutrinas divinas somente na cabeça; para o *sandemaniano* a fé é meramente assenso. Isto nos lembra que podemos ter as doutrinas bíblicas muito bem definidas na mente; mas, a não ser que elas toquem os nossos corações e nos levem aos nossos

<sup>13</sup> *Idem*, p. 69.

<sup>14</sup> DONNELLY, Edward. *Depois da morte, O quê? O Ensino Bíblico Sobre as doutrinas do céu e do inferno*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2005, pp. 20-21.

joelhos em oração, e nos motivem à prática das boas obras bíblicas, então estas doutrinas não atingiram o seu objetivo. Quando examinamos os atributos de Deus, e particularmente a Sua ira, os nossos corações e espíritos deveriam reagir positivamente a isto.

### UM "TESOURO" DEFENDIDO

Falcão Sobrinho, com certeza, não é alguém que se professe um teólogo liberal. Muito ao contrário. De modo muito positivo, ele salienta:

No mundo teológico acadêmico, obtém status de cultura e de autoridade profética quem se deixa deslumbrar pela teologia liberal e nega a revelação sobrenatural da Bíblia, quem ensina que o diabo não existe, mas é personificação do mal inserida na literatura bíblica pós-exílica, quem nega a necessidade da conversão a Cristo como uma experiência transformadora (como se fosse possível transformar a sociedade sem transformar os indivíduos que a compõe), quem nega a veracidade de tudo o que não puder ser explicado pela ciência nas Escrituras. Dá status afirmar que a oração é apenas um fenômeno psicoemocional, sem qualquer transcendência, sem colocar o homem em contato real com Deus. Dá status porque essa atitude não exige fidelidade à Palavra de Deus no modo de viver. Não cogita de buscar um viver santificado. Produz admiração a "coragem" de afirmar que a Bíblia tem valor apenas literário e que todas as religiões levam a Deus.<sup>15</sup>

Definitivamente, as palavras acima não poderiam sair dos lábios de um teólogo liberal. Entretanto, atente-se que, em seu conservadorismo, o autor também defende um tesouro: uma particular *compreensão do livre-arbítrio dos homens e do amor de Deus*. Não chega a ser irônico que, diante do desafio de defender esse "tesouro", respeitados conservadores, imbuídos nessa empreitada, prefiram sacrificar o cristianismo histórico e negar a fé reformada, para lerem com as lentes de teólogos liberais e neo-ortodoxos? É fácil perceber o fato em comum entre as duas esferas: tanto os *liberais* quanto este segmento *conservador* defendem o mesmo "tesouro". E o produto final, quase que invariavelmente, é bastante ruim, seja numa esfera ou na outra, ainda que salvaguardadas as devidas distâncias entre elas. Não chega a ser curioso que, quando as coisas apertam, tais "conservadores" se dirijam para o lado humanista da teologia liberal, com a naturalidade de um navio em direção ao porto? E qual seria a razão? Não seriam tais aspectos de sua teologia também expressões do mesmo coração humanista?



---

<sup>15</sup> FALCÃO SOBRINHO, João. "Salvos, mas perdidos?". In: O Jornal Batista. Seção Parábolas Vivas. 28/08/05, Ano CV-35, p. 5.